

Hans Christian Andersen

O Valente Soldado de Chumbo



Esta é a história de vinte e cinco soldadinhos de chumbo — todos irmãos, pois todos tinham nascido da mesma velha colher de chumbo. Todos andavam de rifle ao ombro, olhavam firme para a frente e vestiam fardas nas cores vermelho e azul. Eram soldadinhos muito elegantes. A primeiríssima coisa que eles ouviram neste mundo foi quando alguém levantou a tampa da caixa onde estavam guardados e um menininho bateu palmas, gritando:

— Oba! Soldadinhos de chumbo!

Os soldadinhos eram um presente de aniversário para o menino, que na mesma hora começou a espalhá-los pela mesa. Eram todos bem iguaizinhos, menos um, que era diferente porque tinha uma perna só. Esse soldadinho tinha sido feito em último lugar e, na hora de fundir o chumbo da colher, tinha faltado um pouco. Mas mesmo com uma perna só ele ficava em pé durinho como os outros, e esta história é sobre ele.

Havia muitos outros brinquedos em cima da mesa onde os soldadinhos foram colocados, mas o que mais chamava a atenção era um lindo castelo de cartolina. Olhando por suas minúsculas janelinhas dava para ver as salas por dentro. Do lado de fora do castelo havia pequenas árvores em torno de um espelhinho que era para parecer um lago e, nadando no lago, com as imagens refletidas no espelho, viam-se alguns cisnes feitos de cera. O castelo era uma graça, mas o que ele tinha de mais bonito era uma moça pequenina, que ficava em pé junto a uma de suas portas. Ela também era de cartolina recortada, mas sua saia era do linho mais

delicado e uma fita azul bem estreitinha passava sobre seu ombro, tendo no meio uma fivela cintilante do tamanho do seu rosto. Ela estava com os dois braços levantados, pois era bailarina, e com uma perna erguida tão alto que o soldadinho de chumbo não conseguiu ver onde estava a perna e achou que aquela mocinha também tinha uma perna só.

“Achei a mulher perfeita para mim”, pensou ele. “Só que ela é tão chique... Mora num castelo! Eu moro numa caixa, e somos vinte e cinco soldadinhos naquela caixa... Não posso levar minha mulher para morar conosco na caixa. Mas preciso dar um jeito de conhecê-la melhor.” Pensando assim, deitou-se atrás de uma caixa de rapé que estava em cima da mesa. Dali podia ver a elegante mocinha, sempre em pé numa perna só sem nunca perder o equilíbrio.

Tarde da noite todos os outros soldadinhos de chumbo foram guardados na caixa e as pessoas da casa foram dormir. Nesse momento teve início a bagunça dos brinquedos. Eles faziam visitas uns para os outros, brincavam de guerra e de fazer festa... Enquanto isso os soldadinhos de chumbo chacoalhavam em sua caixa, loucos para entrar na brincadeira, sem conseguir levantar a tampa. O quebra-nozes fazia piruetas e o giz rabiscava a lousa. O barulho foi tanto que o canário acordou e entrou na folia com seus trinadinhos rimados. Os únicos que não se mexeram foram o soldadinho de chumbo e a pequena bailarina. Ela ficou lá, bem esticada na ponta do pé com os braços levantados; e ele, do seu lado, também se equilibrava perfeitamente em sua única perna, e não desgrudava os olhos dela nem por um momento.

Nisso o relógio deu meia-noite e clac! A tampa da caixa de rapé se abriu. Só que dentro não havia rapé, mas um pequeno feiticeiro, um boneco de mola, um sujeitinho muito esperto.

— Soldadinho de chumbo — disse o boneco de mola. — Você quer fazer o favor de olhar para outra coisa?

Mas o soldadinho de chumbo fez de conta que não tinha ouvido.

— Tudo bem! Amanhã você vai ver o que é bom! — disse o boneco de mola.

Quando o dia nasceu e as crianças se levantaram o soldadinho de chumbo foi posto sobre o peitoril da janela. Não sei se foi por causa do boneco de mola ou se foi o vento, mas o fato é que de repente a janela se abriu e o soldadinho caiu de ponta-cabeça do terceiro andar. Foi uma queda terrível; ele aterrissou de cabeça com a perna espetada no ar e a baioneta cravada no meio do cascalho.

A empregada e o menino foram correndo procurar o soldadinho. Quase pisaram em cima dele, mas não conseguiram ver onde ele tinha caído. Se o soldadinho de chumbo gritasse: “Ei! Olhem para cá! Estou aqui!”, decerto eles o encontravam, mas ele achou que não ficava bem gritar daquele jeito estando de farda.

Pouco depois começou a chover; as gotas de chuva caíram cada vez mais depressa até virarem um tremendo aguaceiro. Quando a chuva parou, apareceram dois moleques de rua.

— Olhe ali um soldadinho de chumbo! — disse um deles. — Vamos mostrar a ele como é bom navegar!

Com um jornal, os meninos fizeram um barco, depois puseram o soldadinho de chumbo no meio do barco e o barco na sarjeta. O barco saiu navegando e os dois garotos correram atrás batendo palmas. Quanta onda naquela sarjeta! Que tremenda correnteza! Também, com toda aquela chuva a água da sarjeta tinha subido. O barco de papel balançava para cima e para baixo e às vezes rodopiava tão depressa que o soldadinho chegava a estremecer. Mas o soldadinho aguentou firme, com os olhos fixos na distância e o rifle em posição sobre o ombro.

De repente o barco entrou por um cano coberto com uma tábua comprida; ficou escuro, o soldadinho teve a impressão de que tinha voltado para a sua caixa.

“Para onde será que estou indo agora?”, pensou ele. “Aposto que isso tudo está acontecendo por causa do boneco de mola. Se pelo menos a mocinha estivesse comigo aqui no barco eu não me incomodava com o escuro, podia até estar mais escuro que eu não me incomodava.”

Naquele momento apareceu um enorme rato d’água que morava no cano.

— Você tem passaporte? — perguntou o rato. — Mostre seu passaporte.

Mas o soldadinho de chumbo não respondeu e apertou mais o rifle. O barco foi em frente, e o rato atrás. O rato rangia os dentes e gritava para todos os galhinhos e palhas que passavam:

— Parem aquele soldado! Parem! Ele não pagou o ingresso! Não me mostrou o passaporte!

Mas a correnteza foi ficando cada vez mais forte. O soldadinho de chumbo já estava conseguindo ver a luz do dia lá na frente, no fim do cano por onde ia o barco, mas também ouvia um barulhão de arrepiar o mais valente dos homens. O cano ia desaguar num enorme canal; o soldadinho estava correndo um grande perigo: mais ou menos como se você e eu tivéssemos que descer uma enorme cachoeira dentro de um bote.

Ele já estava tão perto que não havia jeito de escapar. O barco ia a toda e o coitado do soldadinho de chumbo firme, o mais firme que conseguia; nem piscar ele piscava. O bardo rodopiou três ou quatro vezes depois se encheu de água até a borda e começou a afundar. O soldadinho de chumbo já estava com água até o pescoço e o barco afundando cada vez mais. O papel começou a se desmanchar, depois a água cobriu a cabeça do soldadinho — e naquele momento ele pensou na linda bailarina que nunca mais ia ver e ouviu uma frase em sua imaginação: “Avante, soldado valente / É com a morte o seu combate.”

Foi então que o papel cedeu de uma vez e o soldadinho foi ao fundo — mas justo nesse momento apareceu um peixe que o engoliu.

Que tragédia, que escuridão dentro daquele peixe. Pior ainda que dentro do cano. E que aperto! Mas o soldadinho de chumbo não perdeu a coragem. Ficou lá deitado com o rifle no ombro.

O peixe começou a nadar de um lado para o outro, numa agitação terrível, até que enfim ficou quieto e de repente pulou como se tivesse sido atingido por um raio.

Em seguida, a luz do sol brilhou com força e alguém exclamou: “Um soldadinho de chumbo!”.

O peixe tinha sido pescado e vendido no mercado; depois tinha ido parar numa cozinha e uma cozinheira tinha aberto sua barriga com um facão. Com dois dedos a cozinheira puxou o soldadinho pela cintura e foi com ele para a sala onde todo mundo quis dar uma olhada naquele homem notável que andava pelo mundo viajando na barriga de um peixe, só que o soldadinho não achava que tinha feito grande coisa. As pessoas puseram o soldadinho em cima da mesa e lá — quanta coisa esquisita acontece neste mundo! — o soldadinho viu que estava exatamente na mesma sala onde estava antes; viu as mesmas crianças e os mesmos brinquedos sobre a mesa. Entre eles estava o lindo castelo com a bailarina que era uma belezinha. Ela continuava numa perna só, com a outra levantada bem alto; ele não era a única pessoa de ótimo equilíbrio naquela sala! O soldado ficou comovido com a ideia e estava quase chorando lágrimas de chumbo, só que, sabendo que não ficava bem cair no choro, deu um jeito de se controlar. Por isso ficou olhando para ela e ela para ele, e nenhum dos dois disse nada.

Naquele momento um dos meninos da casa jogou o soldadinho na lareira sem que ninguém soubesse por quê; talvez fosse coisa do boneco de mola.

O soldadinho de chumbo ficou todo iluminado e sentiu um calor horrível, sem saber se era por causa do fogo ou por causa do amor. As cores de sua farda desbotaram, só que não dava para saber se era por causa de tanta viagem que ele tinha feito ou de desgosto.

O soldadinho olhou para a mocinha e a mocinha olhou para ele. Ele sentiu que estava se derretendo, mas mesmo assim continuou firme com seu rifle no ombro. Nesse momento uma porta se abriu e o vento carregou a bailarina. Como uma fada, ela voou para a lareira, para junto do soldadinho de chumbo, pegou fogo e desapareceu. Depois o soldadinho derreteu e virou uma bolotinha de metal, e quando, no dia seguinte, a empregada tirou as cinzas da lareira, ela encontrou o soldadinho, só que ele tinha virado um pequenino coração de chumbo. Da bailarina, porém, não tinha sobrado nada, só a fivela, negra como o carvão por causa do fogo.

FIM